

“A Corrente de Eléia”

Ribamar Ribeiro

A Corrente de Eléia

Personagens:

Eléia - mulher não muito envelhecida, mas cansada e triste.

Ele - aparenta mais de 30 anos, corpulento.

Esposo de Eléia/ Observador - Um pouco mais jovem que Eléia, bem humorado e atencioso com Eléia.

Não existe um tempo real. O cenário é formado por duas cadeiras de ferro e uma mesa. Uma das cadeiras deve ser de forma que vire uma cama. Eléia durante todo o espetáculo deverá estar acorrentada por uma corrente longa em um dos pés permitindo mobilidade.

Cena 1

O esposo está sentado se preparando para a refeição, Eléia depois senta-se e inicia uma conversa, o esposo começa a falar para a platéia, ela continua a conversar normalmente apenas mexendo os lábios.

Observador A tortura. Se abrirmos o dicionário a palavra tortura significa suplício, o tormento; grande mágoa. É certamente uma maneira fria para definir um ato tão medíocre e de conseqüências tão graves. Tortura é aquilo que um ser vivente é capaz de submeter a outro através das vias mais sórdidas do sofrimento. E a vítima, o torturado, passa, perpassa, ultrapassa o máximo da degradação humana - antes, durante e após a tortura - enquanto o torturador, o mestre, o encarregado, tenta cumprir os seus objetivos, quaisquer que sejam, através destes atos de criatividade grotesca. Na história universal da civilização percebemos que este ato possui grande destaque, infelizmente. Até que ponto apenas o torturado é vítima dessa relação? Será o torturador também vítima da sociedade? Não estou aqui para responder a essas perguntas e muito menos resolvê-las, o que seria de bom grado. Além de Observador farei o papel de esposo de Eléia. (simultaneamente ela está falando)

Eléia ...parece-me que o tempo não passa, na virtude e na grandiloqüência do amanhecer sempre restará um dia após o outro. O que acha do poema?

Esposo Um pouco pessimista. (ele percebe uma certa tristeza em seu olhar) Ah, não sei! Eu entendo de poemas assim como você entende de física quântica. Ou seja...

Eléia Mas eu entendo...o processo de composição do universo atribui-se a fusão das partículas...

Esposo (ele a corta) Já entendi. Adorei o seu poema. (os dois sorriem)

Estão na mesa almoçando, mas logo o esposo percebe que Eléia não toca na comida.

Esposo O que houve Eléia?

Eléia Nada? Só estou pensando.

Esposo Você não tocou na comida?

Eléia Não estou com fome.

Esposo Todos os dias você diz o mesmo. Chega nesse horário e fica sempre assim. (ele empurra o prato em sua direção)

Eléia Eu não quero comer! Me deixa! (apreensiva)

Esposo Desculpe-me. (com certa docilidade) É que fico muito preocupado com você. Sabe disso. Cada dia que passa parece que a sua entrega ao que aconteceu fica mais evidente...

Eléia Não falaremos nisso!

Esposo Por favor não se torne um galho seco. Tem que se desvencilhar das correntes que a prendem. Definhar não é a solução para o seu...o nosso problema. Eléia, estive, estou e sempre estarei aqui! Carregaremos o peso.

Eléia (concorda) Eu sei. Talvez seja o medo. É um dos sentimentos mais reveladores do ser humano. Não acha?

Esposo Como assim?

Eléia O medo faz dizer coisas que talvez jamais diria, ter atitudes que jamais teria, suportar coisas que.... (Inicia um certo choro interno)

Esposo Mudaremos de assunto.(pausa) Aquele livro que está lendo, do que se trata, está tão envolvida? (com interesse)

Eléia (respira fundo como que puxando forças para suportar mais um dia) Estou quase terminando. Uma história comum, mas envolvente. A saga de uma família. Uma família guerreira que passa um certo espírito de força de geração à geração...Engraçado... Engraçado esse negócio de família. Eu sempre achei família algo tão geométrico.

Esposo Impossível! Me explica isso! (sorrindo)

Eléia Na minha infância, sempre gostei de brincar de roda, pular corda, sempre brincadeiras em círculo, sinuosas, quase nunca uma reta. Gostava de girar no próprio eixo até cair. Isso me divertia. E eu sempre cresci pensando nas curvas. A minha família era formada por curvas irregulares, graciosas, fortes. Vindo do meu pai passando por minha mãe, meu irmão até mim. Depois do que me aconteceu...eu percebi. Os desenhos tornaram-se outros. Antes era um quadrado com suas arestas, com o tempo transformou-se num triângulo. Aí eu me casei e o tempo cumpriu seu papel novamente. Só uma reta. E é esse o meu medo, que o tempo passe e eu vire um ponto. Eu não quero virar só um ponto no meio do infinito.

Esposo Não diga isso. A vida não é assim. O nosso destino pode estar traçado. Não dizem que Deus escreve certo por linhas tortas. Vai ver Deus também não gosta de retas, de quadrados, de retângulos, losangos...sei lá... (reflexivo) Às vezes na vida a gente sempre

tropeça num ângulo reto. Mas com o tempo isso passa e sempre voltamos aos nossos círculos. Tem que deixar um pouco a geometria de lado. Você tem que começar a apagar ... (ela o corta)

Eléia É difícil. O tempo realmente é algo muito relativo. Para alguns momentos ele voa e para outros é eterno.

Esposo Eu compreendo. (mudando de assunto) Agora pare de me enrolar e volte a comer. Senão vou achar que não está gostando do rango.

Eléia É na verdade...

Esposo (brincalhão) Ah! É assim. Sua...(pensando na palavra)...dogesa! (ele levanta-se e a pega como uma brincadeira infantil)

Eléia O que é isso? (surpresa)

Esposo É a mulher do doge.

Eléia E o que é um doge?

Esposo É o magistrado supremo das antigas Repúblicas de Veneza e Gênova. (pensativo, olhando ao longe) Um dia eu te levarei à Veneza, minha dogesa.

Eles caminham como se estivessem passeando ele a abraça e a envolve com seu corpo, sorri e ela apenas esboça um sorriso. De repente um certo som ao longe. A cena se desmonta. Novamente o barulho. Ela solta-se dele e corre para o lado oposto ao som.

Eléia (visivelmente apavorada) Que barulho foi esse?

Esposo (despreocupado) Não sei. Deve ser alguém que está chamando. Eu vou ver. (percebe o nervosismo dela) Fique calma! Você não pode reagir assim a batida de uma porta. Não é nada!

Eléia Por favor não me deixe sozinha...

Esposo (passa a mão nos seus cabelos, como estivesse falando com uma criança assustada) Fique calma! Não é nada demais! Eu voltarei logo.(ele sai)

Ela fica estática, como que hipnotizada, pega o garfo que esta sobre a mesa e o segura como uma arma.

Cena 2

Neste instante ela ouve uma voz que vem de fora.

Ele Senhora, eu posso entrar? (Eléia deixa cair algo que estava na mão e continua em silêncio)Senhora, eu posso entrar?

Eléia Por favor, entre. (tensa) Desculpe-me. É que eu fico assustada com a chegada de alguém.

Ele Não se preocupe. Eu sou de paz. Eu só parei pra pedir uma informação.

Eléia Fique à vontade.

Ele Obrigado!

Eléia O senhor deseja um café ou um chá?

Ele Prefiro água. Morna.

Eléia Vou buscá-la.

Ele (ele observa o interior da casa) Aqui é um lugar tão isolado.

Eléia (ela responde do interior da casa) Mas é calmo e seguro.

Ele Decerto que tem suas vantagens.

Eléia Morar aqui pra mim é uma fortaleza. (com firmeza)

Ele Casa interessante. Me lembra muito a filmes antigos. Filmes de Bete Davis. Humprey Bogart. Casablanca. A senhora já assistiu a Casablanca?

Eléia Não tive a oportunidade.

Ele Eu já. Sempre gostei do clima "noir", aquela luz difusa, enfumaçada, misteriosa. Sabia que apesar do filme não ter final feliz é considerado como o filme de amor do século.

Eléia É mesmo. Nunca liguei muito para filmes. Os filmes nos enganam demais. Até porque na minha juventude tudo foi muito turbulento... e é quando a gente tem tempo pra ver filmes... deixa isso pra lá. (lembrando da água) Aqui está a sua água. Morna.

Ele Obrigado!

Eléia O que o senhor está fazendo perdido nesse fim de mundo? O senhor queria uma informação se eu não me engano, é isso?

Ele Sim senhora.

Eléia Tão difícil passar alguém por aqui, que às vezes fico meio abobalhada. Tenho um certo problema de sociabilidade. Desculpe-me pela argüição.

Ele Tudo bem. Entendo.

Eléia Algum tempo atrás era mais extrovertida. (reflexiva)

Ele A senhora trabalha? Quero dizer, fora daqui.

Eléia Estou inativa como dizem. Mas é opção minha, não me sinto mais tão à vontade lá fora.

Ele Creio que sejam motivos pessoais.

Eléia Sim. E o senhor ?

Ele Eu me aposentei.

Eléia Mas tão jovem. Trabalhava com algo que possuía algum risco?

Ele Pode-se dizer que sim. Com o governo. Departamento Especial. Isso foi há muito tempo. Tempo que passou onde havia comando, hoje não se vê isso. Mas agora estou ao leu.

Eléia Com o governo... (uma certa decepção)

Ele A água estava ótima.

Eléia Dê-me o copo. Deseja mais?

Ele Se a senhora não se importar?

Eléia Não. Problema algum. Já volto. Devo estar tomando o seu tempo. Trarei logo o copo d'água e ficará livre de mim.

Ele Imagine. Sou eu o intruso. Sou eu quem deve se desculpar. Estou aqui há um tempo e estou chamando de senhora. Devo te chamar de senhora ou é muito emblemático?

Entra com o copo na mão e o deixa cair, pára de súbito com o olhar estarecedor

Ele Machucou-se? Deixe-me ajudá-la?

Eléia O que falou?

Ele Perguntei se a senhora havia se machucado.

Eléia (com uma certa irritação na voz) Não agora! Antes!

Ele Ah...é que estou te tratando de senhora? Existe algum problema? Algumas mulheres não gostam, acham que envelhecem e...

Eléia (ela o corta) Não. Repita a pergunta como foi feita?

Ele A que eu fiz anteriormente?

Eléia Sim.

Ele Essa: Devo te chamar de senhora ou é muito emblemático?

Eléia De onde conhece isso? (pega o copo que está sobre a mesa)

Ele Não entendo. Como assim?

Eléia Por que você perguntou dessa forma ?

Ele Não sei. Sempre perguntei assim. Algum problema? Que tipo de interrogatório é esse?

Eléia Eu estou nervosa. É melhor você ir embora, por favor!

Ele O que houve ? Algum problema? (ele se aproxima dela)

Eléia Não me toque! (numa reação, ela derruba a água em sua roupa)

Ele O que você fez?

Eléia Desculpe-me, é que você se aproximou... (numa tentativa de secá-lo, Eléia se aproxima e de repente pára e afasta-se como uma repulsa). O seu cheiro. Tenho certeza. É ele. (pensa pra si mesma)

Como em um flash, todo o diálogo dele passa em sua mente como um quebra-cabeça que se encaixa)

Ele Eu sempre gostei do clima noir...com o governo. Departamento especial... machucou-se...devo te chamar de senhora ou é muito emblemático?...luz difusa, misteriosa, clima "noir"...departamento especial...no tempo em que havia comando...de senhora ou é muito emblemático?

Ela (volta para a realidade) É ele. O que veio fazer aqui?

Ele Continuo sem entender. Acabo de conhecê-la e age como se já me tivesse visto...

Eléia Não vai me atormentar novamente!

Ele Deixe-me ajudá-la! (ele se aproxima)

Eléia Não me toque ! (num instante de fúria ela o empurra, ele cai)

Black-Out

Cena 3

Ele está sentado meio sonolento e ela o olha ininterruptamente, ele vai acordando aos poucos e percebe que está imobilizado.

Eléia (sarcástica) Você quer um copo d'água? Morna. (sai e vai buscar um copo d'água e ele continua em silêncio) Aqui está! (faz como se fosse colocar em sua boca e joga a água em seu rosto)

Ele reage com o olhar.

Eléia Gostou do susto? (tem um acesso de riso)

Ele Por que você está assim? Por que faz isso comigo? Que mal te fiz? Eu não compreendo!

Eléia Você não compreende?

Ele Me solte. Eu preciso ir, vamos passar por cima disso. Você deve estar perturbada.

Eléia Não me chame de louca. Eu vivi todos esses anos para não enlouquecer.

Ele Eu não te chamei de...(tenta se acalmar respirando fundo) Deixa isso pra lá. Continuamos as nossas vidas.

Eléia Por que eu deveria. Até hoje isso me corrói!

Ele Só pode estar me confundindo com alguém. Não faz sentido. Eu sou uma pessoa comum, o que fizeram contigo...se quiser te ajudarei no que precisar!

Eléia (acusação) O que você fez! (grita)

Ele Está me acusando de que, afinal? O que esse homem fez contigo deve ser tão apavorante para que cometa este ato...

Eléia (ela se aproxima dele e o cheira) Eu tenho certeza! Tudo o que foi dito indica a culpa. Além de ter trabalhado para o governo, no departamento especial.

Ele O que isso quer dizer? Não é uma prova concreta de nada? Trabalhar para o governo virou símbolo de que agora?

Eléia Mas o que me deu certeza foi a seguinte frase. Só esse monstro falava assim: devo te chamar de senhora ou é muito emblemático?

Ele Esse seu ódio...

Eléia Eu não vivo mais, eu vegeto! Não sabe o que é isso! (com certeza) Andar na própria casa e ter certeza de que tudo irá acontecer novamente.

Ele Você não pode me manter aqui. Isso é crime!

Eléia Crime? E suas atrocidades? Eu fui retirada da minha casa como se fosse um bicho. Você sabe o que é tirar um filho de uma mãe. Minha mãe gritava. Naquele momento era como se estivesse sendo abortada. Aquelas duas criaturas entraram e...

Eléia deita-se no chão e fica em posição de parto.

Mãe O que estão fazendo? (grita de dor) Não tirem a minha filha. Não façam isso, eu imploro. Meu ouro, por favor não a levem.

Eléia Fique calma mãe, isso vai passar!

Mãe Por que ela? Por que? (grita) Estão enganados. Não a levem. Ela é minha. (grita) Por que? Por que?

Eléia Meu pai. Ele ficará. Ele te cuidará até que eu volte!

Mãe Não a arranquem de mim, por favor, o que ela fez, me digam (grita) minha filha...por que ? por que ?

Eléia Eu te amo mãe!

Mãe (já sem forças) Por que? Por que? Por que?

Eléia (vai virando e colocando-se em posição fetal) Depois da eterna tormenta, onde cada segundo, minuto, círculo passa pela mente e o medo e a escuridão existente lembram um poço infinito, a falha humana e os arrependimentos tornam-se banalidades e o detalhe, o mínimo, o grão são tão grandiosos, transformam-se em torres indestrutíveis,

e a partir daí todo o foco da vida não é irreparável, nós, os seres humanos, estes sim são irreparáveis. Voltando a realidade percebi-me estirada em uma pocilga, não sei há quanto tempo estava ali. As dores eram insuportáveis. Uma espécie de aviso que o corpo ainda sofre ou já sofreu. Decidi abrir os olhos, o filete de claridade ficava por conta de uma lâmpada triste, desgastada, mas que ainda possuía um fio de vida. Meus olhos abriram-se muito pouco, lembrei-me dos chutes. E foi nesse momento que senti a presença do outro, de alguém, de um desconhecido. Não estava só. (levanta-se e olha pra ele)

Ele (ele a corta) Aí estão os fatos! Como estar tão convicta de algo que não pôde nem ver ao certo?

Eléia As peças se encaixam neste quebra-cabeça maldito! O seu cheiro é inconfundível. Pertence ao governo. E ao sair da sua boca aquela frase tantas vezes ditas ao pé do ouvido é como um código que abre a porta para todas as malditas lembranças. A sua voz é a sua identidade. Eu não preciso de seu nome...

Ele Um julgamento precoce. Poderia ser qualquer um que entrasse em sua vida! Diria que qualquer um seria esse seu monstro. Para a sua sorte e minha desgraça, eu fui o desafortunado.

Eléia Eu não estou fora da minha razão. Na minha morada não será o meu carrasco. (quase um sussurro)

Ele Não sabe o que diz!

Eléia Não sou sua propriedade!

Ele Me tire daqui!

Eléia Não conseguirá me cegar, tapar meus ouvidos, fechar a minha boca. Eu estou viva, viva, isso é mais cruel para você. A vitalidade te incomoda, o seu ponto fraco. Não suporta a vida, não suporta nada que possa amar. Estou viva, viva, viva! (quase num surto psicótico)

Ele (ele cospe as palavras) Eu não tive culpa! (observa que surtiu efeito mas fica apreensivo com a reação de Eléia)

Cena 4

Um grande silêncio toma conta do ambiente.

Ele Eles tiveram culpa. Não faço mais isso. Eles foram os culpados. Hoje eu vejo que fui enganado tanto quanto vocês. Acreditei neles, nas idéias, nas palavras, nas ações. Possuía tanta coerência. Que perfeição. Sem a sua existência ficaria mais tranquilo, não haveria questionadores. Assim ninguém atrapalhava, por isso deveria ser feito, os seus pensamentos, as suas ideologias. Por que não mudaram para serem aceitos.

Eléia (perplexa) A certeza. Era o que eu mais temia.

Ele A culpa é deles. A maior parcela é deles.

- Eléia Porque tudo aquilo que desconhecemos somos levados a tratar por eles. Porque eles? O que significa? O "Eles" significa aquilo que nos persegue e não temos resposta para explicá-lo? Pense comigo. O "eles" é a culpa que não podemos ou não aceitamos colocar em nós mesmos, então, temos esta válvula de escape e a culpa será sempre deles! É muito mais fácil! A nossa covardia está impressa num substantivo no plural. Não sou plural. Sou singular! E você também! A culpa é sua!
- Ele Não devo te explicar nada !
- Eléia Basta de hipocrisia! Além de você ser pago para fazer as perversidades, o que sentia? Prazer, se masturbava enquanto me fazia sofrer, hein? Gozava em jorro pelo sangue derramado. Preciso saber (ele vira o rosto) Olhe pra mim! Não lembra-se de mim. As marcas do meu rosto. As marcas da alma. Estão aqui! Do que fez comigo, não se lembra?
- Ele Renego a lembrança. A gente só lembra de coisas que tiveram alguma importância ou marcaram a nossa vida. Vocês nos chegavam apenas como números, sem nenhuma identificação. Pessoas sem nome, sem passado, sem história pra contar, sem...(uma breve pausa)...alma. Números e como números o tratamento se dava através do mais racional o possível. Esta era minha função. Depois de todos os acontecimentos, as mudanças...fui remanejado...pra que tocar neste assunto... falar destas coisas...(ele olha em volta) por um momento senti algo...você não me era estranha...eu entrei aqui e percebi algo...sua casa está infestada de vingança e ressentimento...e agora...está satisfeita?
- Eléia (com certo rancor) Satisfeita? Por que estaria?
- Ele A falha humana é imperdoável. Fiz coisas que Deus duvidaria...não sei. O excesso de individualidade. A falta de senso pode causar danos no nosso ser que não é detectado a tempo.
- Eléia Pare com isso. Não me venha com essa filosofia. (começa a falar como se estivesse lendo um livro) Explicar os atos miseráveis e medíocres através de teorias sobre o indivíduo. Que suas ações foram baseadas na fúria humana descontrolável. (retorna) Não aceito. Pertenço a página de um livro? Mais um número estatístico? Já basta. Jamais serei o seu número novamente. (toca no próprio corpo). Está vendo? Carne, osso e alma. Minha composição é essa. Um rosto decadente, um corpo corrompido e uma alma esfacelada. Mas viva, viva como prova do sofrimento que não me destruiu.
- Ele Fala disso com o orgulho de uma vitória. Já entendi o seu jogo. O que quer ser? Mártir? É uma mulher adoecida. Alimenta-se da insegurança...meus parabéns!
- Eléia Antes uma mendiga que uma heroína. A minha paz de espírito não tem volta.
- Ele Claro que tem! Esqueça! Apague isso do teu caminho. Não te leva a nada. Deixou de ser vítima ao sair dos porões.
- Eléia Como esquecer? Após o acontecido o máximo que consegui foi tentar o bloqueio. Só que nosso corpo e mente não são tão fabulosos como imaginamos. Não bloqueia somente o que nos desagrada. (caminha e olha para um horizonte que não existe) Tenho medo do mundo, de sorrir, do prazer, de amar. É tudo muito perigoso, pode ser um caminho sem volta...e a sua voz (a expressão muda de acordo que lembra da voz de

ele)...sua voz ressoa no meu ouvido como uma ave agourenta trazendo malditas lembranças.

Ele Está totalmente fora de si. Não tem condições de dialogar sensatamente. (com convicção)

Eléia É fácil encaixar todos em algum papel. É fácil rotular o outro. Me diga: nunca teve um momento de descontrole? Sempre conviveu com isso da melhor maneira o possível?

Ele Como pode ter certeza que estou aqui? Talvez eu seja um fruto da sua imaginação. Um de seus fantasmas.

Eléia Eu ainda converso. Deveria sufocá-lo, furar teus olhos, explodir teus tímpanos para que não haja nenhuma forma de interferência sua no meu mundo. Antes de resolver qualquer coisa comigo tenho que resolver contigo. Preciso da minha tranquilidade de volta.

Ele Sinto pena de ti. Se diz tão cheia de vida e não percebe que a deixa escorrer como uma janela aberta e ela se esvai. (faz como se assoprasse o vento). O sangue que corre em tuas veias talvez já esteja escurecido pelo tempo, pelo ressentimento, pelo espírito vitimado.

Eléia Que tipo de ser é capaz de avaliar o sentimento que me consome. (com plena certeza). Esta capacidade não te pertence.

Ele Saia desta masmorra cruel. (sarcástico) Realmente fui piedoso demais. Deveria ter-te deixado trancafiada naquele porão e que o tempo fizesse o resto.

Eléia Não está numa situação favorável a este comentário.

Ele (explode) Acredito nos meus ideais!(ela afasta-se como não querendo ouvir o que está porvir) Não serei hipócrita. O que quer saber? A verdade. Te direi. Talvez não seja aquilo que queira ouvir. Mas é a única certeza que tenho. Não me arrependo de nada que fiz! Ouviu bem? Não me arrependo!

Cena 5

Volta anos atrás, Eléia está deitada no chão como havia feito antes, em posição fetal, repete-se a cena da chegada no cárcere. Ele está parado aguardando que ela levante.

Eléia (levanta-se aos poucos e percebe a presença de alguém) Quem está aí. Não consigo enxergar. Está escuro! Que lugar é esse? O que estou fazendo aqui? Quem é você?

Ele (ele a corta). Devo te chamar de senhora ou é muito emblemático? Não estou aqui para responder às tuas perguntas Tire a roupa.

Eléia O que fará?

Ele Tire a roupa! (ela tira a roupa aos poucos. Ele joga um balde com água nela, que se assusta)

Ele (ele joga um vestido) Vista isso.

Eléia Que cheiro é esse? Minha pele arde.

Ele (totalmente ríspido) Água sanitária. Passa logo. É pra evitar que tragam as suas doenças para cá. (ela vai se vestir) Antes seque o chão. (com sarcasmo) Não queremos que se esfrie.

Ela seca o chão começa a se vestir entra o Observador.

Observador A Inquisição pode ser considerada um dos períodos mais férteis da criatividade grotesca. Com o objetivo de salvar almas do demônio, inventaram instrumentos e métodos dos mais variados. Um deles era fazer com que a pessoa bebesse a maior quantidade de água o possível. Para isso tapavam o nariz da vítima, que por sua vez estava amarrada e faziam isso até que ela não suportasse, depois dessa fase, davam socos em seu abdome estourando a bexiga da vítima. Isso era feito para purificar o pecador.

Entra Ele

Ele (entra de súbito enquanto ela ainda dorme) Terá somente cinco minutos para comer. Já sabe como será o seu banho e faça as suas necessidades aqui mesmo.

Eléia (acorda desnorteadada) Que horas são?

Ele Em qualquer lugar deve-se seguir as normas...

Eléia Há quanto tempo estou aqui?

Ele ...que são impostas. Não estou aqui para responder as suas perguntas.

Eléia Mas parece que... (ele sai)

A cena volta ele entra novamente enquanto ela ainda dorme em uma outra posição

Ele Terá somente cinco minutos para comer. Já sabe como será o seu banho e faça as suas necessidades aqui mesmo.

Eléia (acorda desnorteadada) Que horas são?

Ele Em qualquer lugar deve-se seguir as normas...

Eléia Há quanto tempo estou aqui?

Ele ...que são impostas. Não estou aqui para responder as suas perguntas.

Eléia Mas parece que o dia... (ele sai)

A cena por mais uma vez retorna e ela está dormindo em uma terceira posição ele repete o mesmo gestual para dar intenção de que mais uma vez o dia se repete e ela está dormindo em uma terceira posição diferente das outras anteriores.

Ele Terá somente cinco minutos para comer. Já sabe como será o seu banho e faça as suas necessidades aqui mesmo.

Eléia (acorda desnorteadada) Que horas são?

Ele Em qualquer lugar deve-se seguir as normas...

Eléia Há quanto tempo estou aqui?

Ele ...que lhe são impostas. Não estou aqui para responder as suas perguntas.

Eléia Mas parece que o dia não passa. Nada do que você me fala é estranho. Nada é novo. É um repetir de palavras incessante. Não sei se é dia, se é noite, não sei se a madrugada já partiu levando a escuridão, não sei se o amanhecer está ou se ele já se foi. O que quer fazer comigo? Vamos me diga. Eu preciso saber. Perdi a noção do tempo. Isso é fato. Mas e agora? Por que me manter enclausurada neste eterno retorno? Não basta a prisão, deixe que o tempo faça o resto. Eu preciso...(Eléia vai em sua direção, ele um tapa em seu rosto)

Ele Está fora de si. Recomponha-se.

Entra o Observador

Observador As autoridades policiais introduziram no ânus da vítima um objeto semelhante a um limpador de garrafas, depois, além de receber murros por todo o corpo, sofreu queimaduras de cigarro no rosto e no pênis. Isso era de praxe, feito por policiais autorizados e fardados no Rio, no prédio da própria polícia, durante a ditadura.

Ele Faça o que pedem e assim sairá logo daqui. Estou aqui para o que precisar. Tem que cooperar mais. Eles pedem para que eu seja mais drástico. Eu sei que não precisa. Você é boa. Eu sinto. (ele tenta acariciá-la)

Eléia Pouco me importa.

Ele (ele desvia o assunto) Eu acho aqui um local tão cinematográfico. Não vê nesse ambiente um clima sombrio? Filmes antigos. Por vezes sinto estar numa película, onde cada cena desencadeia a história. (volta-se para Eléia) Faça parte desse filme e faça com que tenha um final feliz.

Eléia Isso não é um filme. Nunca haverá um final...

Ele É melhor que interprete um bom final. Não quer que outros atores venham para o seu filme, quer?

Eléia O que farão com a minha família. Poupe-os, por favor. Eu suplico. Deixe-os em paz. (ajoelha-se ao seus pés)

Ele Não seja tão clichê! Levante-se!

Eléia continua a arrastar-se em seus pés, ele tenta retirá-la com pequenos chutes, mas ela insiste. Ele a pega pelos braços e se entreolham firmemente, ela cospe em seu rosto. Ele a leva para a cadeira que é colocada de costas para a platéia, ela sai da cadeira e fica na mesma posição como se estivesse sentada só que fora da cadeira, ele pega um chicote e começa a chicotear, Eléia reage a todas as chicotadas dadas na cadeira.

Ele Já está muito tempo aqui para este tipo de atitude. Está na hora de avançarmos. Serei mais severo. Pra gente como você só funciona assim.

Cena 6

Eléia está deitada no chão.

Eléia (para si mesma) Preciso ficar calma! Tenho que criar um modo de passar o tempo. Eu não posso me torturar. Não posso! O mais importante não é o que fazem comigo, mas o que eu mesma faço daquilo que fazem de mim. Eu tenho que me controlar.

Olha para as mãos como se tivesse encontrado uma solução. Rói uma das unhas e mede com as outras como uma forma de fazer uma medida de tempo para que ela tenha o mínimo de noção de quanto tempo está ali. Entra ele a observa por um momento sem que ela perceba.

Ele A que ponto chega a vaidade humana. Pra que preocupar-se com as unhas, é para os rapazes? Não se preocupe, eles não querem a beleza. Deixe-me ver. (ele percebe a diferença nos tamanhos)

Eléia É para não incomodar.

Ele Sua vagabunda. Não me engane. Conheço seus truques para contornar o desespero. Está fazendo isso para ter noção de quanto tempo está aqui. Não haverá mais esse problema. (ele a puxa)

Eléia O que vai fazer? Me perdoe! Eu não fiz por mal! (ele pega um alicate) O que vai fazer com isso? Não! (solta um grito aterrorador) Não!

Entra o Observador com um prato de comida no meio de sua fala ela é jogada com a mão enfaixada, ela sente dificuldades ao comer com a mão e come somente com a boca.

Observador A tortura foi aplicada no Brasil, indiferente de sexo, idade, situação moral, física ou psicológica. Não se tratava apenas de produzir marcas físicas, mas uma dor que fizesse o torturado entrar em conflito com o próprio espírito. Além da destruição emocional, havia uma destruição do parentesco. Assim, crianças foram mortas diante dos pais, mulheres grávidas abortaram. Tudo para que houvesse o bem nacional.

Eléia Perdi tudo. Não sei mais o que sou. Minhas vontades, meus pensamentos. Me tiraram tudo. O que sinto mais falta? (ao fundo um som de goteira) Da música. Este silêncio me mata a cada dia. Um som pelo menos um. A música regenera a alma. Um som. Um som. Apenas um. Apenas da gota nasce uma música. Ah! Que maravilha!(Eléia começa a dançar com uma música imaginária que entra ao fundo) Estou ouvindo, sentindo, dançando, me sinto viva. Não podem tirar isso de mim! Posso sonhar, ser quem quiser. Eu quero voltar a ser eu. Eu! com minhas virtudes, pensamentos, defeitos. Podem arrancar as minhas unhas, podem tirar a minha dignidade, mas eu ainda posso sonhar, posso dormir e sonhar. O sonho de cada dia, o sonho eterno, o que seja...

Entra Ele

Ele Está gritando igual a uma louca. (continua a dançar) Está excitada? Resolveremos o seu problema. Está mais bela do que nunca!

Ela deita-se no chão e ele aproveita este estado êxtase e simula um estupro, ela vai mudando a sua expressão de alegria até ao nojo e vergonha extremos. A cena termina quando a música acaba.

Cena 7

Ela volta a sentar-se na cadeira depois que tudo termina.

- Ele Você estava tão linda! E como foi o passeio? Os rapazes brincaram muito? Tenho certeza que sim. Ainda mais com carne nova. (Ele tenta colocar a mão por dentro da saia, ela o segura com firmeza. Ele bruscamente levanta-se e vai por trás da cadeira e puxa sua cabeça para trás e imobiliza os braços, novamente desce a mão bem lentamente sobre o vestido, ela esboça uma reação mas logo percebe que não conseguirá se defender, ele continua a percorrer o caminho do vestido até chegar às pernas, dali ele coloca a mão sob o vestido, nos olhos de Eléia observa-se o desespero). Divertiram-se bastante. (limpa a mão na boca de ela)
- Eléia (numa reação surpresa, como uma força superior que toma conta do seu ser) O que mais te incomoda? (ele assustado) A força que tenho para sobreviver. Responda!
- Ele O que você quer? Está me machucando!
- Eléia Ou é a luta pelos meus ideais..
- Ele (com ar de medroso) Irá se arrepender.
- Eléia A sua covardia me enoja.
- Ele Não se aproxime.
- Eléia Onde está o seu poder? Viver da fraqueza dos outros é fácil.
- Ele Não me faça mal.
- Eléia Como é ser um vampiro de almas? Responda. (quando ela vai em sua direção para agredi-lo ela cai sem forças) Estou sem forças. Estou esgotada. Acabou. Acabou.

Ele a levanta e a carrega para a cadeira. Eléia senta-se em um estado de catatonia, olhar parado para o nada, sem expressão alguma. Ele pega a outra cadeira e senta-se ao lado da dela, um longo silêncio toma conta do lugar.

- Ele Eu penso em vocês. Quando me sinto só, eu converso. A sua condição de semimorta me tranqüiliza. O meu ato de confissão é mais puro. As figuras hediondas que eu vejo faz com que a minha vontade de sair daqui seja logo. Minha vontade é de desaparecer daqui e ir ao encontro de minha filha e beijá-la. Sair dessa podridão e ser beijado pela inocência.
- Eléia (quase sem voz, um pensamento que sai sem querer) Já passou pela sua cabeça que eu também seja filha de alguém. Alguém que espera o meu beijo.
- Ele Eu sei! Ela sofre, eu sofro. Mas é um caminho sem volta. (ela sai da cadeira num momento lúdico e o coloca em seu colo) Eu preciso de seu carinho. Estou endurecido pela falta de humanidade. Os sentimentos são futilidades, não me pertencem mais. (ela o afaga) Este lugar é tão frio. Me abrace. O frio que eu sinto só pode desaparecer com o seu abraço. (ela o abraça)

Como em um flash, todo o ambiente vai mudando e a cena volta ao contrário inclusive nas falas. (pode ser na sonoplastia ou pelo próprio ator)

Ele oçarba ues o moc recerapased edops ós otnis ue que oirf o. Ecabra em. Oirf oãt é ragul etse. Siam mecnetretep em oãñ, sedadilituf oãs sotnemitnes so. Edadinamuh ed atlaf alep odicerudne uotse. Ohnirac ues ed osicerp ue. Atlov mes ohnimac mu é sam. Orfos ue, efros ale. les ue !

A cena retorna do ponto onde essa conversa foi iniciada.

Ele Eu penso em vocês. Quando me sinto só eu converso. A sua condição de semimorta me tranqüiliza. O meu ato de confissão é mais puro. As figura hediondas que eu vejo faz com que a minha vontade de sair daqui seja logo. Minha vontade é sair logo daqui e beijar a minha filha. Sair dessa podridão e ser beijado pela inocência.

Eléia (quase sem voz, um pensamento que sai sem querer) Já passou pela sua cabeça que eu também seja filha de alguém. Alguém que espera o meu beijo.

Ele É tão bom o amor materno. Eu sinto falta da minha mãe. (ela sai da cadeira num momento lúdico e o coloca em seu colo) Eu preciso de seu carinho. Mãe? É você mãe? Mãe. Me abrace. Estou sentindo tanto frio. Me abrace mãe! (ele repete o mesmo gestual da cena anterior)

A cena volta direto sem voltar as marcas e o texto e recomeça de onde a conversa foi iniciada.

Ele Eu penso em vocês. Quando me sinto só, eu converso. A sua condição de semimorta me tranqüiliza. O meu ato de confissão é mais puro. As figuras hediondas que eu vejo faz com que a minha vontade de sair daqui seja logo. Minha vontade é de desaparecer daqui e ir ao encontro de minha filha e beijá-la. Sair dessa podridão e ser beijado pela inocência.

Eléia (quase sem voz, um pensamento que sai sem querer) Já passou pela sua cabeça que eu também seja filha de alguém. Alguém que espera o meu beijo.

Ele (explode como se tivesse voltando para a realidade e saindo daquele transe) Isso pouco me importa. Pouco me importa a sua existência. Já sei o que pensa não me obrigue a saber o resto. A minha única função é deslocar o indivíduo de seu mundo amado e investido para colocá-lo diante de um buraco sinistro, repleto de vergonha, de humilhação, de urina, de horror, de dor, de excrementos, de corpos e órgãos mutilados.

Entra o Observador

Observador A vergonha, o sentimento de impotência, a culpa, a perda de sentimentos. A falência humana.

Cena 8

Um som de sirene ou algo parecido entra, ela levanta assustada e procura de onde vem o barulho que parece que escuta-se de todos os lugares do depósito humano. Entra ele desesperado como se estivesse à procura de algo que nem ele sabe o que é.

Eléia O que está havendo?

Ele Eu sabia que isto aconteceria.

Eléia Que barulho é este?

Ele (ignorando-a e gritando) Abram os porões. Deixe a claridade entrar. Abram!

Eléia Vamos morrer!

Ele (desesperado) Não fale em morte. (olha para ela examinando-a) E você?

Ela O que?

Ele Está bem, não é? Olhe pra mim.

Eléia O que houve? Eu não entendo.

Ele Está pálida! Fure o dedo!

Ela Mas pra que?

Ele Pare de fazer perguntas? Fure o dedo! (ele pega a sua mão) Me dê isso aqui.

Eléia Minha mão não, por favor.

Ele Cale a boca! (fala novamente para fora) Deixe a claridade entrar! (mexe no bolso da roupa procurando algo para furar seu dedo e acha)

Eléia (grita) Ai. Pra que...

Ele Passe o sangue no rosto. (ela passa e ele a reprime) Não. (aperta mais seu dedo para que saia mais sangue) Assim! (espalha em seus rosto como se fosse maquiagem) Isso! Agora sorria! (dá pequenos tapas em seu rosto para dar mais vivacidade) Você está bem não está?

Eléia O que devo responder?

Ele (ênfatizando) Você está bem não está?

Ela (responde com cautela)...estou, estou sim!

Ele Não aconteceu nada aqui. Confirma!

Eléia Não aconteceu...

Ele Deixe a claridade entrar. Abram os porões. Aqui não era um lugar seguro. (lembra-se dela) Está viva! Desapareça daqui.

Cena 9

Ele sai, ela levanta-se aos poucos, conforme caminha uma luz forte aumenta de intensidade como se fosse um túnel. Ela encaminha-se para a direção da luz. Quando está próximo a luz se abre totalmente e volta a cena dele sentado na cadeira e gritando.

Ele ...não me arrependo de nada que fiz. Ouviu bem? Não me arrependo!

Um grande silêncio toma conta do ambiente.

Eléia E agora o que faço?

Ele (solícito) Perdoe-me. Eu não queria dizer isso. Estou perturbado. Desculpe-me. Eu sei que não merece isso. É cruel demais.

Eléia Eu sei o que devo fazer.

Ele Que atitude tomará?

Eléia Eu sei que devo fazer.

Ele Me fale por favor. Mate-me ou me deixe ir. Mas não me deixe com a dúvida. Resolva o que tiver de resolver logo. Por favor.

Ela vai para trás dele e o solta.

Ele Você me soltou. Estou livre? É isso?

Eléia Só te peço isso. Vá, mas não volte.

Ele Estou livre. Que sensação maravilhosa. (quando está prestes a sair ele volta para abraçá-la) Obrigado. Você é um anjo!

Ouve-se um disparo, os dois caem no chão. Ela ajoelha-se e olha para o revólver que está na mão esquerda

Eléia (chorando compulsivamente) Está tudo terminado! Tudo!

Ele levanta-se e num gesto ritualístico retira as correntes que a prendem e sai. Ela continua chorando em estado de choque. Entra o Esposo.

Esposo O que houve? Que disparo foi esse? (ele olha para ela e a vê com o revólver na mão) Acalme-se. Eu voltei! Não disse que não era nada! O portão abriu-se e não havia ninguém. Estou aqui.

Eléia (ela num estado de felicidade) Estou livre! Não existe mais peso! Os fantasmas se foram! Agora sei que estou livre! Estou livre!

Os dois estão abraçados, a luz cai suavemente até que desapareçam.

FIM